



© ROSILEIDE GOMES CASTRO (APOIO: UNESCO)

## Desafio de documentar e preservar

# línguas

Para viabilizar trabalhos nessa área é preciso, entre outras iniciativas, ampliar a formação de lingüistas treinados nas técnicas e nos métodos de pesquisa, especialmente na Amazônia, onde a maioria das línguas indígenas é falada

*Por Dennis Albert Moore, Ana Vilacy Galucio e Nilson Gabas Júnior*



A questão do desaparecimento de línguas indígenas vem chamando a atenção nos últimos anos com notícias da situação precária em que se encontram muitos idiomas nativos, e sobre a necessidade de medidas urgentes para sua preservação e revitalização. Sabe-se que a população indígena atual é bem inferior à que existia no passado. Apesar de a imigração europeia ter sido relativamente limitada nos dois primeiros séculos do período colonial, as línguas nativas foram afetadas por esse processo. Estima-se que cerca de 75% das línguas se perderam ao longo de 500 anos. As regiões do Brasil que foram ocupadas por mais tempo têm o menor número de sociedades indígenas e menos línguas nativas, especialmente o leste brasileiro, onde poucos grupos autóctones falam

como seus antepassados. A sobrevivência de povos nativos se deu em maior número em áreas remotas, especialmente na Amazônia, onde o contato com a sociedade nacional foi mais recente e menos intenso. Além de ser a região com maior concentração de populações indígenas no país, a Amazônia apresenta também grande diversidade lingüística e cultural. A região concentra mais de dois terços das línguas indígenas faladas no país. Somente no estado do Pará há cerca de 25 idiomas nativos, número equivalente ao de línguas faladas na Europa ocidental.

Apesar do decréscimo populacional e, conseqüentemente, da quantidade de línguas nativas, o Brasil ainda apresenta certa densidade no número de línguas faladas e também uma larga variedade genética – ou seja, há várias famílias lingüísticas representadas no país. Esses idiomas geralmente pertencem a dois grandes troncos lingüísticos (macro-jê e tupi), quatro famílias lingüísticas de grande porte (aruák, karíb, páno e tukáno), seis famílias de médio porte (arawá, katukína, maku, nambikwára, txapakúra e yanomámi), três famílias menores (bóra, guaikurú e múra) e sete línguas isoladas (aikanã, kanoê, kwazá, irântxe, mynký, trumai e tikúna). Há ainda dois grupos indígenas no norte do Amapá, o galibí-marwórno e o kripúna do Norte, que falam línguas crioulas, influenciadas pelo crioulo baseado no francês da Guiana Francesa.

### Número de Línguas

Para ter uma idéia da complexidade da tarefa de documentar e preservar as línguas indígenas seria útil saber quantas ainda restam. Mas esse dado não está disponível, uma vez que não existe uma coleta sistemática de dados nesse campo. Idiomas considerados diferentes às vezes são, de fato, dialetos de uma mesma língua,

**Índios da etnia parsi contam histórias sobre a origem do mundo, na Ponte de Pedra, onde segundo eles nasceu a humanidade. Tradição diz que os primeiros humanos brotaram da terra. Abaixo, crianças da reserva Guaporé, com várias etnias, aprendem informática para documentar suas línguas**



## TRONCO MACRÔ-JÊ

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
<b>Família Boróro</b>						
Boróro			1.024		2	
<b>Família Guató</b>						
Guató		5 [40]	372	baixa	2	!
<b>Família Jabuti</b>						
Djeoromitxi (Jabuti)		30?	123	baixa	1	!
Arikapú		2	19	sem	1	!
<b>Família Jê</b>						
Akwén	Xakriabá	?	7.665	sem		!
	Xavante	maioria	9.602	alta	2	
	Xerente	maioria	1.814	alta	2	
Apinayé			1.262	alta?	2	
Kaingáng	Kaingáng do Paraná				3 total	
	Kaingáng Central		25.000 total			
	Kaingáng do Sudoeste					
Kayapó (Mebengokre)	Gorotire			alta	2 total	
	Kararaô					
	Kokraimoro					
	Kubenkrankegn		7.096 total			
	Menkrangnoti					
	Mentuktire (Txukahamãe)					
	Xikrin					
Panará (Kren-akore, Kren-akarore)		todos	202	alta	2	
Suyá (Kisédje)	Suyá	todos	334	alta	2	
	Tapayúna (Beço-de-Pau)		58	?		
Timbira	Canela Apaniekra		458	alta	2	
	Canela		1.337	alta		
	Ramkokamekra					
	Gavião do Pará (Parkateyé)		338	?	2	
	Gavião do Maranhão (Pukobiyé)		473	?	2	
	Krahô		1.900	alta	1	
	Krikati (Krinkati)		682			
Xoklêng			757	baixa	1	
<b>Família Karajá</b>						
Karajá	Javaé	maioria	919	boa	1	
	Karajá	1.860	2.500	alta	1	
	Xambioá	5	185	sem	0	!
<b>Família Krenák</b>						
Krenák		8?	150	baixa	1	!
<b>Família Maxakali</b>						
Maxakali		maioria?	802	boa	1	
<b>Família Ofayé</b>						
Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)		10	56	baixa	2	!
<b>Família Rikbaksá</b>						
Rikbaksá (Erikpaksá)		med?	909	baixa	1	
<b>Família Yathê</b>						
Yathê (Iatê, Fulniô, Carnijó)		maioria?	2.930	?	1	

© ULISSÉS CAPOZZOLI

freqüentemente refletindo divisões étnicas e políticas. Na família lingüística mondé do tronco tupi, por exemplo, a fala dos gavião de Rondônia e a fala dos zoró são geralmente listadas como línguas distintas, quando, na realidade, são dialetos tão próximos quanto o português de Salvador e o do Rio de Janeiro. Todos os critérios para agrupar dialetos em línguas têm limitações, mas lingüistas comumente utilizam

inteligibilidade mútua como indicação prática. Embora venha sendo repetido com freqüência que 180 é o número de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150. Línguas novas aparecem com grupos contatados pela primeira vez, ou pela descoberta de falantes de línguas consideradas extintas. Por exemplo, um falante da língua kaixána foi recentemente encontrado no rio Japurá, e dois falantes de Guarasu foram localizados em Pimenteiras, Rondônia. Em contraposição, línguas já extintas continuam sendo listadas. Por exemplo: torá, citada por um autor em 2006 como tendo 52 falantes, é dada como extinta há algum tempo pelo website do Instituto Socioambiental.

### Número de Falantes

Sabemos menos ainda sobre o número de falantes de cada língua, fator básico para avaliar sua viabilidade. Essas informações são difíceis de coletar e há certa tendência de confundir a população de um grupo com o número de indivíduos que falam a sua língua. Por exemplo, uma classificação recente lista 220 falantes de yawalapiti – família aruak, no Xingu – e 29 falantes de arikapu – família jaboti, em Rondônia. No entanto, lingüistas que trabalham com essas línguas afirmam existir apenas três, e dois falantes, respectivamente, de cada uma. Certamente, o número de falantes é muito menor do que se pensava e, assim, a situação das línguas é ainda mais grave.

O fato que determina o futuro de uma língua é a sua transmissão à geração subsequente. Esses dados também são difíceis de apurar. O exemplo dos tembé, um dos maiores grupos do Pará, mostra a seriedade da situação. Um levantamento informal feito em 2007, com base em informações fornecidas pelos próprios indígenas – mas não verificadas em cada aldeia –, indica que os tembé do Guamá não falam mais a sua língua. E, das 111 famílias tembé do Gurupi, somente 11 falam a língua normalmente em casa. É com razão que esse povo, como vários outros, está preocupado.

Enquanto todas as línguas indígenas estão em risco de extinção, é fundamental chamar atenção para os casos de línguas que correm risco de desaparecimento no futuro próximo e que não têm um número razoável de falantes em outro país. Das cerca de 150 línguas indígenas, pelo menos 25% – marcadas com ponto de exclamação na tabela – estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao

## TRONCO TUPI

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Não Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
<b>Família Arikém</b>						
Karitiána		todos	320	alta	2	
<b>Família Awetí</b>						
Awetí		todos	138	alta	1	
<b>Família Jurúna</b>						
Jurúna (Yuruna, Yudjá)		todos	278	alta	2	
Xipáia (Shipáya)		2	595	sem	2	!
<b>Família Mawé</b>						
Mawé (Sateré-mawé)		maioria?	7.134	boa	2	
<b>Família Mondé</b>						
Aruá		12?	58	baixa	0	
Cinta-larga	Aruá, cinta-larga, zoró e gavião são dialetos de uma língua	todos	1.300	alta	1	
Gavião		todos	338	alta	2	
Salamäy (Mondé)		2 semi	10?	sem	0	!
Suruí (Paíter)		todos	920	alta	1	
Zoró		todos	414	alta	0	
<b>Família Puruborá</b>						
Puruborá		2 semi	62	sem	0-1	!
<b>Família Munduruku</b>						
Kuruaya		3?	115	sem	1	!
Munduruku		maioria	7.500	alta	3	
<b>Família Ramarrama</b>						
Karo (Arara)		maioria	184	boa	2	
<b>Família Tuparí</b>						
Ajuru (Wayoró)		8?	77	baixa	0	!
Makurap			267	med?	2	
Sakurabiát (Mekém Mekens)		25	66 [70]	baixa	2	!
Tuparí		maioria?	378	med	2	
Akuntsú		6	6	alta	1	!
<b>Família Tupi-guaraní</b>						
Akwáwa	Parakanã	maioria	800	alta	1	
	Suruí do Tocantins	maioria	185	alta?	1	
	Asurini do Tocantins	maioria	303	boa?	2	
Amanayé		há?	192	sem	0	!
Anambé		6?	132	sem	2	!
Apiaká		1	192	sem	0	!
Araweté		maioria	278	alta	0	
Asurini do Xingu		maioria	106	boa?	1	
Avá-canoeiro		maioria?	16		2	!
Ex-arredios do Pará	Aurê-aurá	2	2		0	!
Guajá		todos	326	alta	1	
Guarani	Kaiowá		34.000	alta		
	Mbyá				2 total	
	Nhandéva		total			
Guarasú		2	?	sem	0	!
Kaapór (Urubu-Kaapór)		maioria	800	alta	3	
Kamayurá		maioria	355	alta	3	
Kayabi		maioria?	1.000	alta	1	
Kawahib	Parintintin		156			
	Diahói (Jiahui)		50			
	Juma		5	sem		
	Karipúna		21		2 total	
	Tenharim		585	med		
	Amondáwa		83	alta		
	Uru-eu-wau-wau	todos	87	alta		
Kokama	Kokama	5?	622	baixa?	2	!
	Omáqua (Kambéba)	poucos?	156 [240]	baixa?	0	!
Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	= Tupi-guaraní alterado por contato	>6.000?		med	1	
Tapirapé			438	alta	2	
Tenetehára	Guajajára		[13.100]		2	
	Tembé		820	varia	2	
Wayampí (Waiápi, Oiapí)		maioria?	525	alta	2	
Xetá		3?	8			!
Zo'é (Puturu)		todos	152	alta	1	

**FAMÍLIA ARUÁK (MAIPURE)**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Apurinã (Ipurinã)			4.087	med	2	
Baniwa do Içana (Kurripako, kuripako)			5.141 [5.000]	alta	3	
Baré		0?	2.790	sem	1	!
Kaixána		1	?	sem	0	!
Kámpa (Axininka)			813	alta	0	
Kinikinau				sem	1	!
Mawayána		<10	[<10]	sem?	0	!
Mehináku	próx. Waurá	todos	199	alta	1	
Palikúr			918		1	
Paresí (Arití, haliti)		maioria	1293	boa	1	
Píro	Manitenéri Maxinéri		937 total	boa	0	
Salumã (Enawenê-nawê)	próx. Paresí		320	alta	1	
Tariána	Yurupari-Tapúya (lyemi)	100	1.914	baixa	3	!
Teréna (Tereno)			15.795	baixa	1	
Wapixána			6.500	varia	1	
Warekéna			491		2	
Wauja (Waurá)	próx. Mehináku	todos	321	alta	2	
Yawalapití		4	208	sem	1	!

**FAMÍLIA KARIB**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Aparai (Apalai)		maioria	415 [150?]	alta	2	
Arára do Pará (Ukarãgmã)		todos?	195	alta?	1	
Bakairí		maioria	950	boa	2	
Galibí do Oiapoque (Kaliña)			28	baixa?	0	
Hixkaryána		maioria?	[550]	alta	3	
Ikpéng (Txikão)		todos	319	alta	2	
Ingarikó (Kapóng, Akwaio)			675	boa	2	
Kalapálo	Kalapálo, kuikúru, matipu, nahukwá são dialetos de uma língua	maioria	417	alta	1	
Kaxuyána (Warikyána)	Shikuyána é dialeto	maioria	69 [145]	baixa	1	
Kuikúru		maioria	450 [500]	alta	3	
Makuxí		maioria	16.500	boa?	3	
Matipu		poucos	119	baixa	0	
Mayongóng (Makiritáre, yekuána)		maioria?	426	alta?	0	
Nahukwá		maioria	105	alta	1	
Taulipáng (Pemóng)		maioria	532	alta?	1	
Tiriyó (Tirió, trio)		todos	900	alta	3	
Waimirí (Waimiri-atroari)		todos	931	alta	2	
Wai-Wai		todos?	2.020	alta	2	
Wayána		maioria?	450 [150?]	med?	2	

**FAMÍLIA PÁNO**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Arára (Shawádawa)	Arára, shanenáwa, yamináwa, yawanawá talvez dialetos de uma língua	9?	319		1	
Katukína do Acre (Katukína páno)			318		1	
Kaxararí			269		1	
Kaxinawá (Hantxa kuin)			3964	varia	2	
Korúbo			250		0	
Kulína (kulíno)			20 [125]			?
Marubo			1.043	alta	2?	
Matis		todos	239	alta	2	
Matsés (mayorúna)			829 [250]	alta	2	
Nukiní		há?	458	sem?	0	!
Poyanáwa		2	403 [180]	sem	1	!
Shanenáwa			178 [160]	varia	2	
Yamináwa (Jaminawa)			618	boa	0	
Yawanawá			450 [220]	baixa	2	

número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações.

Essa situação é ainda mais preocupante porque justamente as línguas mais ameaçadas são, provavelmente, aquelas com maiores chances de serem ainda desconhecidas pela ciência. Apesar do avanço dos estudos lingüísticos de línguas indígenas nas últimas décadas, levantamentos revelam que essas línguas são conhecidas apenas em parte, e que sobre a maioria há pouco ou quase nenhum estudo. O grau de conhecimento científico das línguas indígenas no Brasil é aproximadamente o seguinte:

- 12% têm descrição completa
- 33% têm descrição avançada
- 32% têm descrição ainda incipiente
- 23% têm pouca ou nenhuma descrição científica significativa

Esses números são aproximados. Conforme as pesquisas vão avançando, eles tendem a mudar rapidamente. Todas as línguas têm valor científico, mesmo as que contam com poucos falantes. Por exemplo, graças a um estudo da língua arikapu, com somente dois falantes, foi descoberto recentemente que a família lingüística jabuti pertence ao tronco lingüístico macro-jê, o que implica que esse importante tronco se estendeu ao sul de Rondônia há mais de 2 mil anos, forçando uma revisão das idéias sobre a pré-história dos povos macro-jê.

**Documentação e Revitalização**

A situação das línguas no Brasil, onde muitas estão ameaçadas e em situação precária, é representativa do panorama mundial. Um movimento internacional em torno de línguas em perigo de extinção se intensificou com a publicação de um artigo pelo lingüista americano Michael Krauss. Ele estima que 90% das línguas do mundo estariam em perigo de extinção no século 21 se não fossem tomadas medidas preventivas. O desaparecimento dessas línguas seria uma grande perda para as comunidades nativas, visto que são os meios de transmissão da cultura e pensamento tradicionais e parte importante da identidade étnica.

A maneira tradicional de descrever uma língua é elaborar uma gramática dela – fonética, fonologia, morfologia e sintaxe –, um dicionário e uma coletânea de textos. Em anos recentes, com a ênfase nas línguas em perigo de extinção, novos métodos de documentação foram desenvolvidos, focalizados na gravação de amostras da língua, na digitalização e anotação das gravações e no seu uso para revitalização lingüística. Essas gravações e anotações devem ser armazenadas em forma digital nos arquivos lingüísticos profissionais, em caráter permanente.



**Paturi Djeoromitxi** grava relato de mitos feito por Armando Djeoromitxi da família lingüística dabuti. Língua dos djeoromitxi está seriamente ameaçada de extinção, mas ainda se mantém em núcleos familiares onde é falada por membros de diferentes gerações na reserva Guaporé

Nos últimos anos, dois grandes programas internacionais (Dobes – Documentação de Línguas Ameaçadas, da Alemanha, e ELDP – Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas, da Inglaterra) patrocinam projetos de documentação lingüística no Brasil e já apoiaram a documentação de 19 línguas indígenas brasileiras. A tecnologia e a metodologia de documentação melhoraram consideravelmente devido a esses programas, que apóiam tanto lingüistas brasileiros como residentes no país a realizar a documentação com grupos nativos. Documentação nesse modelo pode ser bastante produtiva em termos científicos. Por exemplo, o Projeto Kuikúro, desenvolvido no bojo do programa Dobes, de 2001 a 2006, resultou em 45 participações em eventos nacionais e internacionais, seis capítulos de livros, oito artigos em revistas nacionais e internacionais, três livros didáticos bilíngües e uma exposição no Museu do Índio, além de ter produzido um corpo de dados que pode subsidiar outras investigações no futuro.

Em casos onde há um número razoável de falantes da língua e vontade de transmitir o idioma às crianças, existem várias metodologias de revitalização sendo utilizadas mundialmente.

■ **Ninho de Linguagem:** crianças pequenas (que aprendem línguas sem esforço) passam tempo com os avós, que falam somente a língua materna.

■ **Mestre e Aprendiz:** um falante assume a responsabilidade de ensinar a língua a um jovem.

■ **Imersão:** durante certo período, a comunidade ou uma parte da comunidade, fala somente a língua nativa, e os não-falantes têm de adquirir um mínimo da língua para se comunicar.

### FAMÍLIA TUKÁNO

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Arapáso		0?	328		0	
Bará (Waimajã)			39		0	
Barasána			61		0	
Desána	próx Siriáno		1.531	med	1	
Yurutí (Juriti)	próx Tuyúka		[50?]			
Karapanã			42		0	
Kotíria (Wanáno)			447	alta	2	
Kubéwa (Kubeo, cubeo)			287	alta	0	
Makúna (Yebá-masã)			168		0	
Siriáno			17 [10]		0	
Tukáno (Tucano)			4.604	alta	3	
Tuyúka			593	med	0	
Waíkana (Pira-tapuya)	próx Kotíria		1.004	med	0	

### FAMÍLIA ARAWÁ

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Banawá-yafí			100	alta	1	
Dení			738	alta	1	
Jarawára			180	alta	3	
Kulína (Madíja)			2.318	alta	3	
Paumarí			870	baixa	3	
Jamamadí (Yamamadí, kanamantí)			800	alta	1	
Suruahá (Zuruahá)			143	alta	1	

### FAMÍLIA KATUKINA

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Kanamarí	(3 dialetos de uma língua)	maioria?	1.327	boa	1	
Katukína do rio Biá (Pedá djapá)			450	boa	1	
Txunhuã-djapá (Tsohom-djapá)		30?	100		0	

### FAMÍLIA MAKU

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Dãw (Dow, kamã)		[83]			2	
Hup (Hupda, )	próx Yuhúp	[1.900]	[1.900]	alta	3	
Nadëb (Guariba, xiruai)		[400]			1	
Yuhúp		[400]		alta	1	

**Contador de histórias:** Jupará Ka'apor, dos urubu kaapor ou também kaaporté como são conhecidos. Os ka'apor emergiram como povo distinto há 300 anos e sob ataque de "brancos" se deslocaram para o Pará em meados do século 18. Quando se tentou contatá-los, em 1911, eram considerados os mais hostis dos povos indígenas do Brasil



© ROSILEIDE GOMES CASTRO (APOIO: UNESCO)

**FAMÍLIA NAMBIKWÁRA**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Nambikwára do Norte (Mamaindê, Latundê, Nagarotê)		323	[346]	med	2	
Nambikwára do Sul		todos	[721]	boa	2	
Sabanê		5 ativos	[30]	sem	2	!

**FAMÍLIA TXAPAKÚRA (CHAPAKURA)**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Kujubím (Kuyubi)	Moré	2?	27 [50]	sem	0	
Oro Wín		5?	50		1	!
Torá		0?	51 [250]	sem	0	!
Urupá		20	[150] há?		0	!
Warí (Pakaanova)			1930	boa	3	

**FAMÍLIA YANOMÁMI**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Ninám (Yanam)		466	11.700 total	alta	2	
Sanumá		462		alta	2	
Yanomám (Yanomae)		4.000		alta	2	
Yanomámi		6.000		alta	3	

**FAMÍLIAS MENORES**

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
<b>Família Bóra</b>						
Miránha	dialeto de Bóra	poucos?	613	sem?	0	
<b>Família Chiquito</b>						
Chiquitáno		20-80?	2.000	baixa	1	
<b>Família Guaikurú</b>						
Kadiwéu		maioria	1.592 [900]	alta	2	
<b>Família Múra</b>						
Múra		há?	5.540	sem	0	!
Pirahã		todos	360	alta	3	
<b>Família Samúko</b>						
Chamakóko		?	40		0	

■ **Alfabetização na Língua Materna:** materiais escritos na língua geralmente aumentam o prestígio desse patrimônio cultural e chamam a atenção da geração mais jovem.

■ **Gravações de Documentação:** música, narrativas tradicionais e outros materiais podem ser gravados e devolvidos à comunidade para familiarizar os ouvintes, especialmente os jovens, com a língua e com as tradições.

Desses métodos, a alfabetização na língua indígena é o que mais depende de pesquisa para ter base científica e repetir os sons de cada língua de maneira adequada. Por exemplo, no caso dos bakairi, a ortografia foi adequada para um dos dois dialetos, mas inadequada para o outro, cujo sistema de sons foi diferente em certos aspectos. Os falantes do primeiro dialeto leram e escreveram com sucesso, enquanto o segundo grupo desistiu de escrever na sua língua. O problema foi resolvido por alguns ajustes feitos com base em análise técnica da fonologia da língua.

**Documentação no Brasil**

Documentação lingüística, de qualidade variável, vem sendo feita desde o tempo dos jesuítas, em forma tradicional. Descrições científicas modernas completas, elaboradas por lingüistas brasileiros, são recentes. A digitalização e anotação de gravações de amostras naturais de línguas estão em fase inicial, mas a demanda por documentação por parte dos grupos indígenas está aumentando rapida-

mente. Programas de alfabetização e revitalização são comuns, mas os resultados não são levantados e avaliados de maneira sistemática. De qualquer maneira, algumas iniciativas governamentais colocam o Brasil entre os países mais progressistas e ativos na questão de proteção da diversidade lingüística.

Uma dessas iniciativas é o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística, planejado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que se propõe a um levantamento da situação de todas as línguas do Brasil. O objetivo é superar a falta de informações corretas sobre a situação das línguas do país, dando base para uma política de registro e preservação.

Uma outra iniciativa de dimensão histórica é o programa Doclin da Funai – Museu do Índio, que fornecerá recursos para a documentação de línguas e para a criação de acervos digitais, fortalecendo a pesquisa e a participação das comunidades indígenas. Esse projeto, com início neste ano de 2008 se estenderá por quatro anos.

Arquivos digitais são necessários para documentação moderna para armazenar gravações, anotações e outras informações de maneira permanente e acessível. A vida útil de fitas, minidiscos, CDs ou outros tipos de mídia é limitada. Atualmente, arquivos digitais modernos estão sendo montados em servidores no Museu do Índio e no Museu Goeldi. Arquivos desse tipo têm como beneficiários principais os grupos indígenas como na Austrália, onde 95% das consultas aos arquivos são feitas por aborígenes.

Para completar as medidas necessárias para enfrentar o desafio de documentar e preservar as línguas indígenas é essencial a formação de mais lingüistas treinados nas técnicas e métodos de documentação, especialmente na Amazônia, onde a maioria das línguas indígenas são faladas. Por exemplo, a lingüística indígena está em fase incipiente em Manaus, onde existe uma grande demanda por serviços de lingüistas e vasto potencial científico nas pesquisas das muitas línguas do Amazonas.

## Sumário de Dados

No quadro a seguir enfatizamos que as informações apresentadas são aproximadas, devido à falta da coleta sistemática de dados sobre a situação das línguas indígenas do Brasil. Muitas das informações apresentadas aqui são revisões apresentadas por Dennis Moore, em 2006. Algumas informações publicadas por Aryon Rodrigues, em 2006, foram adaptadas e outras oferecidas por vários lingüistas.

Os nomes das línguas e sua classificação genética

LINGUAS CRIOLAS						
Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Galibí Marwóno			1.764 [860]		0	
Karipúna do Norte			1.708 [672]		1	

LINGUAS ISOLADAS						
Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	Nº Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Aikaná (Masaká, Kasupá)		maioria	180	med?	2	
Irántxe	Mynky (dialeto)		326	baixa	2	
Kanoê		5	95	baixa	2	!
Kwazá (Koiá)		25	25 [40]	baixa	3	!
Máku		0?	[0?]	sem	1	!
Trumái		51	120	baixa	2	!
Tikúna			32.613	alta	3	

são adaptados do website do Instituto Socioambiental (Isa). Os números de população são normalmente desse mesmo website e os números de outras fontes são apresentados entre colchetes. A estimativa do número de falantes vem de várias fontes. Quando mais de uma fonte é usada, a segunda é colocada entre colchetes. Onde a informação real é desconhecida, o espaço é deixado em branco. Já que muitos grupos tribais estão presentes em vários países, é importante notar que todas as estimativas são específicas para o Brasil, excluindo falantes do mesmo grupo que vivem em países como, por exemplo, Colômbia ou Venezuela. Da mesma forma, a estimativa da quantidade de estudos se refere aos trabalhos realizados com falantes no Brasil, não em outros países. Por exemplo, o Miránha não conta com pesquisas no Brasil, mas é bem estudado na Colômbia.

Línguas com pouca ou nenhuma descrição científica significativa são classificadas como 0 em termos de pesquisas; aquelas com uma dissertação de mestrado ou vários artigos são classificadas como 1; outras com bom esboço geral ou uma tese de doutorado em algum aspecto da língua são classificadas como 2; e aquelas com descrição razoavelmente completa são classificadas como 3. Algumas línguas incluídas na tabela já podem estar extintas, mas são listadas de qualquer maneira, visto que uma busca cuidadosa pode encontrar eventuais falantes restantes em algum lugar. Caso não fossem listadas a busca poderia ser abandonada prematuramente. ■

**OS AUTORES DENNIS ALBERT MOORE**, pesquisador e curador da coleção de lingüística do Museu Paraense Emilio Goeldi, é doutor em lingüística e antropologia cultural pela City University of New York. Graduado em psicologia pela University of Michigan. **ANA VILACY GALUCIO**, pesquisadora do Goeldi, graduou-se em língua e literatura portuguesa e francesa pela Universidade Federal do Pará, com mestrado e doutorado em lingüística pela University of Chicago. **NÍLSON GABAS JÚNIOR** fez doutorado em linguística pela University of California. É coordenador de pesquisa e pós-graduação e vice-diretor do Emilio Goeldi.

## PARA CONHECER MAIS

### The world's languages in crisis.

M. Krauss. *Language*, nº 68, págs. 4-10, 1992.

### O lingüista e a ortografia indígena: o caso da língua bakairi.

S. Meira. *Revista de Estudos e Pesquisas*, vol.1, nº 2, págs. 73-100, 2004.

### Brazil: language situation.

D. Moore, em *Encyclopedia of language and linguistics*, 2ª ed. K. Brown (org.), vol. 2, págs. 117-128. Elsevier, 2006.

### Nimuendajú was right: the inclusion of the jabuti language family in the macro-jê stock.

E. Ribeiro e H. van der Voort. *International Journal of American Linguistics* (em impressão).

### As línguas indígenas no Brasil.

A. D. Rodrigues, em *Povos indígenas no Brasil 2001/2005*. B. Ricardo e F. Ricardo (orgs). Instituto Socioambiental, 2006.

### Endangered languages in Brazil.

A. D. Rodrigues (manuscrito não publicado do 'Symposium on endangered languages of South America'). Rijks Universiteit, 1993.